

ENTREVISTA

MODOS DE SE CONSTITUIR EM UMA SOCIEDADE QUE SE INTITULA NEOLIBERALISTA: ENTREVISTA COM GIOVANNI ALVES

Mauricio dos Reis Brasão

Universidade de Uberaba (UNIUBE), mbrasão@gmail.com

Giovanni Alves é doutor em ciências sociais pela Unicamp, livre-docente em sociologia e professor da Unesp, *campus* de Marília. É pesquisador do CNPq com bolsa-produtividade em pesquisa e coordenador da Rede de Estudos do Trabalho (RET), do Projeto Tela Crítica e outros núcleos de pesquisa reunidos em seu *site* giovannialves.org. É autor de vários livros e artigos sobre o tema trabalho e sociabilidade, entre os quais *O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo* (Boitempo Editorial, 2000), e *Trabalho e subjetividade: O espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório* (Boitempo Editorial, 2011). Colabora para o Blog da Boitempo mensalmente, às segundas.

1. Para começar, eu gostaria de perguntar sobre sua formação: onde, quando você se formou em Sociologia e quais foram seus estudos de pós-graduação?

Eu me formei em Sociologia na Universidade Federal do Ceará e na Universidade de Fortaleza. Quando eu comecei a trabalhar em 1984, na Caixa Econômica Federal, eu tive que transferir o meu curso de Ciências Sociais para a noite, então concluí o meu curso na UNIFOR em 1989. Fui para Campinas, onde fiz mestrado em sociologia, e doutorado em Ciências Sociais, concluído em 1998.

2. Como foi o processo de constituição de objetos e problemas de pesquisa ao longo de sua trajetória?

O processo de constituição de objetos e problemas de pesquisa se desdobrou, principalmente, a partir do meu doutorado. Comecei estudando os limites e a crise do sindicalismo no contexto da reestruturação produtiva do capital, e depois me dediquei a estudar a natureza da reestruturação produtiva do capital. Uma reestruturação produtiva do capital caracterizada pela ideologia do toyotismo. Na década de 2000 me dediquei a desvendar a natureza e o espírito do toyotismo como

sendo um nexó orgânico da reestruturação produtiva do capital. Tratei do conceito de subjetividade do trabalho pelo capital como sendo o nexó essencial do complexo de reestruturação produtiva. Isso faz com que eu publique em 2011 o meu livro Trabalho e Subjetividade, que é o acúmulo dessa experiência de pesquisa. É claro que toda essa reflexão sobre a reestruturação produtiva do capital implicava, também, uma discussão sobre a precarização do trabalho. Então, principalmente a partir de 2010, dedico-me a desenvolver uma reflexão sobre as dimensões da precarização do trabalho, dando os primeiros passos com a publicação do livro Dimensões da Precarização do Trabalho, em 2013, e, a partir daí, prossigo neste itinerário de pesquisa publicando, logo a seguir, o livro Trabalho e Neodesenvolvimentismo, em 2014, onde eu discuto o choque de capitalismo e a nova degradação do trabalho no Brasil. Lancei, em 2016, o livro A tragédia de Prometeu, onde eu desenvolvo toda uma percepção sobre o complexo da precarização do trabalho nas condições do capitalismo global, e estou escrevendo uma edição revista e ampliada para ser lançada em 2017, que é ponto alto dessa reflexão sobre a natureza da precarização do trabalho nas condições da crise estrutural do capital. Nele, penso a precarização do trabalho a partir da constituição da nova precariedade salarial, a partir da constituição da precarização existencial ou precarização das condições de existência social e um trabalho vivo, e a precarização do trabalho e precarização da pessoa humana que trabalha. Novamente entro na discussão sobre o tema da subjetividade do trabalho, como sendo o tema relevante para nós pensarmos hoje, inclusive, as formas de alienação. A discussão da precarização do trabalho tem a ver com a discussão do estranhamento, que é uma categoria marxista, desenvolvida por vários autores.

3. Você poderia falar sobre seu projeto de pesquisa intitulado “A derrelição de Ícaro - Sonhos, expectativas e aspirações de jovens empregados do novo (e precário) mundo do trabalho no Brasil (2003-2013) ”?

“A derrelição de Ícaro – Sonhos, expectativas e aspirações de jovens empregados do novo e precário mundo do trabalho no Brasil” foi um projeto apresentado no CNPQ, onde eu discuto sobre a juventude trabalhadora, os jovens empregados, do novo e precário mundo do trabalho no Brasil, buscando tratar da categoria de precariado. Precariado são exatamente esses jovens, altamente escolarizados, que vivem numa situação de trabalho de vida precária. Os jovens empregados do novo e precário mundo trabalho. No meu relatório de pesquisa, procurei salientar as formas específicas de alienação que eu caracterizei como sendo forte frustração, não apenas uma frustração profissional, pois muitos deles não conseguem realizar o sonho da carreira, mas também uma frustração pessoal, por conta das novas condições de organização do trabalho flexível, que hoje assume uma dimensão muito perversa no sentido das formas de precarização do trabalho que tenho salientado. Então eu trato do tema do envelhecimento da juventude como sendo um fenômeno que tem caracterizado o

mundo do trabalho dos jovens trabalhadores, no sentido de que muitos desses trabalhadores estão sofrendo, adoecendo, muito mais cedo do que os trabalhadores de gerações passadas, por conta exatamente da pressão laboral, da precarização da pessoa, que caracteriza a nova precariedade salarial.

4. Diante de seus registros, há uma trajetória que sugere forte ligação entre os escritos de Marx, uma militância política de compromisso com as causas dos trabalhadores. Por esse viés, qual a influência de Marx e do marxismo em sua trajetória acadêmica?

Minha trajetória de pesquisador tem uma forte ligação com a militância social, o compromisso com a causa dos trabalhadores, e, evidentemente, a partir do momento em que eu me insiro no mundo do trabalho. Quando comecei a trabalhar em 1984, começo a perceber de fato o que é exploração, - exploração do capital, então eu me aproximo do Sindicato dos Bancários e também começo a militar no Partido Comunista Brasileiro. Então foram dois movimentos importantíssimos. Primeiro movimento na minha vida, eu comecei a ter meu primeiro emprego; segundo movimento, o da minha participação política, eu comecei de fato a pertencer a coletivos, sindicato, partido de esquerda, e finalmente isso fez com que eu me aproximasse do campo do marxismo de Marx e Engels e do marxismo. Na verdade, todos esses movimentos ocorrem num mesmo momento, o que demonstra que não foi Marx que me levou a lutar pelos trabalhadores, foi o contrário, foi o fato de eu ter vivido a experiência da exploração do capital que me fez aproximar-me do pensamento de Marx.

5. Por meio de sua página eletrônica, observamos que o Sr. trabalha em vários projetos como o “Rede de Estudo do Trabalho”, “Projeto Tela Crítica”, “Projeto Cinetrabalho”, e “Observatório Social do Trabalho”. Em que consistem esses projetos e qual a motivação que o leva a essa atuação?

Eu desenvolvo, sim, vários projetos de extensão, porque, para mim, a extensão é algo fundamental na atividade acadêmica, não apenas o ensino e a pesquisa, até porque eu vejo a extensão como sendo uma atividade política. A partir de 2006, eu constituo o “Projeto Tela Crítica”, o cinema como experiência crítica. A partir de 2010, eu escrevo e constituo o “Projeto Cinetrabalho”, “O Mundo do Trabalho Invisível”. É preciso dar visibilidade ao mundo do trabalho - e esses dois projetos demarcam um compromisso político. Primeiro, utilizar a arte para pensar o mundo do trabalho, e, segundo, utilizar a arte, no caso o vídeo, para dar visibilidade ao mundo do trabalho. Então, são projetos que tentam mobilizar a arte para a luta ideológica contra o capital. Considero também a extensão uma constituição da rede de estudos do trabalho, a “Rede de Estudo do Trabalho - RET”,

que é uma rede que se constitui no bojo do desenvolvimento da organização dos seminários do trabalho. Na UNESP, de 2001 até hoje, eu organizo os seminários do trabalho, e foi a partir dessa experiência, de contato com vários pesquisadores do país, que surgiu a ideia de nós constituirmos a “RET” como sendo um símbolo de uma organização de pesquisadores do mundo do trabalho, numa perspectiva crítica e interdisciplinar. O observatório social do trabalho é um projeto que tenta articular o “Tela Crítica” com o “Cinetralho”. O “Observatório do Trabalho” nasce exatamente da discussão crítica dos vídeos produzidos pelo “Cinetralho”, utilizando a metodologia do “Tela Crítica”. Então é um projeto que está ainda em constituição.

6. Penso que a ideia de uma luta pelo controle no local de trabalho e o modo como esse controle opera, além de como o sindicalismo pode interferir, são temas específicos importantes. Assim, diante de um sistema neoliberal observamos que há um novo tipo de controle sobre o trabalho marcado fortemente pelo sistema de produção toyotista. Diante disso, como o Sr. observa as mudanças ocorridas na organização do trabalho e, especialmente, na docência universitária atual?

Quando eu falo em nova precariedade salarial, eu estou falando no modo de produção do capital, a partir da constituição. Primeiro, de um arcabouço jurídico legal de contratação precária, são as modalidades flexíveis de contrato de trabalho que passam a disseminar hoje na sociedade. A nova precariedade salarial, além da contratação precária, implica, também, mudanças na organização do trabalho com a instauração da gestão toyotista acoplada a novas tecnologias informacionais, e essa nova precariedade salarial implica também mudanças nas formas da remuneração flexível, vinculada a metas, a indicadores de produtividade e também à disseminação da jornada flexível dos bancos de horas. Então, se nós formos perceber, é um conjunto de alterações que ocorrem no modo da produção do capital por conta disso, no interior do capitalismo global, do capitalismo flexível, que de certo modo se dissemina por vários setores, não apenas da indústria, mas dos serviços, do comércio, da administração pública, e inclusive, das atividades do setor da educação. Hoje você encontra dentro da universidade, e não importa se é pública ou privada, todos esses requerimentos do trabalho flexível que eu procurei descrever, e ela encarna esse conceito de nova precariedade salarial.

7. A despeito do neoliberalismo como modelo social vigente no Brasil, como Sr. vê o significado deste modelo para repensarmos qual seria a formação dos sujeitos, no caso os professores, para atuarem nesse cenário? Há um processo de precarização na educação? Quais suas principais expressões?

É claro que há um processo de precarização na educação. Só que é um processo complexo, que envolve, não apenas, a precarização do sujeito que trabalha na produção da educação, os professores, mas uma precarização também de todas as categorias que compõem o trabalho vivo de produção da educação, no caso, servidores, funcionários, empregados. Isso aí é algo que tem que ser também levado em consideração, porque é um segmento do complexo vivo do trabalho da educação, e também atinge o próprio produto dessa atividade que é um valor civilizatório, que é a educação. Então, a precarização ela não está apenas no processo, não está apenas no sujeito, que está inserido nesse complexo vivo de produção da educação, mas está também no produto desse processo, que é o processo de ensino-aprendizagem, a educação como valor civilizatório. Então, é necessário que se faça uma pesquisa para nós entendermos esse processo na sua totalidade, e não apenas na sua dimensão específica, segmentar, particularista. Hoje se discute apenas a precarização do trabalho docente, sem entender uma perspectiva muito mais ampla da precarização de um complexo vivo de produção da educação, que envolve empregados, técnico-administrativos e também os estudantes. Os alunos estão inseridos nesse processo de ensino-aprendizagem, eles também passam por um processo de precarização, de precarização existencial, no sentido de que estão inseridos numa sociedade que está sendo desestruturada das suas condições de existência social, por conta do capital, no plano da reprodução social. Então, isso é uma forma de você precarizar um dos elementos que constituem o processo de trabalho da produção da educação.

8. No Post “mal-estar do neodesenvolvimentismo”, o Sr. assevera que na medida em que o neodesenvolvimentismo promoveu um “choque de capitalismo” no Brasil, implementou-se o toyotismo sistêmico no plano da produção do capital. Por esse viés, como desenvolver uma análise crítica das relações entre sociedade, capitalismo, tecnologias da informação e da comunicação e o papel da educação na era digital?

Já estamos lidando com uma totalidade social do capitalismo neoliberal, em que você tem a implementação do *toyotismo sistêmico* no plano da produção do capital. Mas não podemos esquecer que quando se fala em *toyotismo sistêmico*, está-se falando no espírito do toyotismo, que se dissemina não apenas pela produção, mas também pela reprodução social. Então, esse espírito do toyotismo, articula as relações sociais, e todo esse processo de alienação tem uma nova base técnica, que são as tecnologias informacionais. Eu diria que o capitalismo está passando por uma quarta Revolução Industrial, que tem um impacto muito profundo na radicalidade que as formas de alienação vão ter no capitalismo do século 21.

9. No Post “Ocupando a futuridade”, o Sr. afirma que, de certo modo, a ocupação

organizada e autogerida das escolas públicas pelos coletivos de estudantes secundaristas conseguiu, nesse pouco tempo de movimento social, crescer, cativar a sociedade paulista e ir além, no plano do imaginário da juventude rebelde mais avançada politicamente, das demandas político-corporativas da mera luta contra a reorganização escolar do governo [...]. É isto que as mídias hegemônicas querem? Por quê? A ocupação organizada e autogerida seria uma característica neoliberal?

De forma nenhuma. São formas de resistência de alunos e estudantes que lutam pela educação pública. É o que vemos hoje no Brasil, com a ocupação das escolas, e é claro que essa galera está sendo educada pela luta, pela luta de classes, porque isso, sim, é uma forma de luta de classes, e essa educação implica uma autoconsciência da democratização radical da autogestão, principalmente na organização dessas escolas ocupadas. Isso é algo que está ocorrendo hoje no Brasil, quando nós temos mais de mil escolas ocupadas no país por conta das medidas do governo Temer, que aprofundam a precarização da educação pública no país.

10. Professor, dado que a razão neoliberal é a forma atual do capitalismo que se impõe em todo lugar e que se trata para nós de abrir uma saída para a luta emancipatória nas condições determinadas por essa dominação, o que podemos aprender da maneira como Marx articulou, ele próprio, sua análise do desenvolvimento do capital e sua concepção estratégica das relações de classe? Até que ponto o capitalismo neoliberal é uma fábrica de medo?

O capitalismo neoliberal se articula a partir do capitalismo manipulatório, e essa manipulação tem uma dimensão muito profunda na alma humana. O medo dos afetos, o afeto que faz o tráfico dos outros afetos. Então, através do medo, você constrói com sentimentos, sentimentos espúrios. Então é claro que o capitalismo neoliberal é, sim, uma fábrica de medo porque é um recurso no plano da sua subjetividade das pessoas que busca constituir o que eu denomino de consentimentos espúrios, no plano dos locais de trabalho e no plano das relações sociais. Eu diria que a maior luta, hoje, daqueles que têm um compromisso de lutar pelo socialismo é a luta contra o medo. E, evidentemente, quando se fala na luta contra o medo, fala-se, também, na aquisição de uma virtude, que é a coragem. A coragem é uma das virtudes mais importantes hoje, no nosso mundo, porque ela é a virtude que faz com que você combata o medo.

11. Lembro-me de você falar, no Seminário, sobre os indivíduos que, em contextos escolares e de trabalho altamente concorrenciais, mesmo qualificados e diplomados, tornam-se excedentes ou sofrem processos de desclassificação profissional e social. Você poderia falar um pouco sobre essas questões?

A questão já está dada, porque isso é parte do próprio desenvolvimento do modo de produção capitalista, do capitalismo global, que é a forma mais avançada de desenvolvimento de produção no século 21. Então, o capitalismo se caracteriza pela produção de uma superpopulação relativa, um exército industrial de reserva, e é claro que a natureza desse exército industrial de reserva do século 21 se caracteriza por ser uma superpopulação excedente, bastante ampla, inclusive, que se caracteriza cada vez mais por um excedente qualificado e diplomado. Isso é uma característica do século 21, o que é o precariado senão essa população excedente de jovens qualificados e diplomados, que estão inseridos em atividades precárias.

11. - O que o Sr. quis afirmar ao dizer que a educação é um grande “Big Mac”? O Sr. vê as tecnologias aplicadas na educação, como uma reprodução das desigualdades, ou como novas formas de dominação?

É claro que aí você tem, sim, um processo de ensino-aprendizagem que se tornou um processo industrial. Então, como um processo industrial, o capitalismo incorporou a educação, a forma mercadoria. Você aplica as tecnologias na educação, e é claro que todo esse processo de trabalho, da educação, é um processo de valorização com todas as implicações que isso significa no plano social que é a reprodução das desigualdades. São as novas formas de dominação que surgem no interior desse processo, fora desse processo, para garantir que se efetue de fato tanto a produção como a realização do valor.

12. De onde vêm as imagens tão sugestivas que compõem o seu blog?

Vêm da própria internet. Pesquisa-se no Google a imagem, e vai compondo. Eu diria que a nossa tarefa, hoje, mais do que nunca, é lidar com imagens, mas imagens que provoquem a reflexão, a partir da qual, a gente possa fazer a crítica do capital.

13. Para encerrar, sinta-se à vontade para tecer comentários/sugestões.

Eu peço desculpas por não ter respondido escrevendo, pois, para mim, é muito mais fácil falar, porque escrever um trabalho exige muito, e, ultimamente, eu tenho tido uma carga de trabalho muito elevada, mas eu não teria trabalho, de práxis, porque trabalho muitas vezes está vinculado a uma dimensão de sofrimento. No meu caso, tenho uma imensa satisfação de estar, dentro do possível, intervindo, de estar colaborando, de estar participando, refletindo, e dando a minha contribuição como um intelectual público, não apenas como pesquisador, mas como intelectual público, uma contribuição na luta de classes. Obrigado.